

eterno
teresa pereira

Para todos aqueles que ainda não encontraram
o seu território sagrado.



CAPÍTULO 1

A ausência era um buraco onde os remendos doíam. Acordei com a pulsação a transbordar e com um grito pendurado nos ouvidos.

Mais um sonho nublado. Desta vez estava na praia, tentava andar, mas as fortes rajadas de vento empurravam-me para trás.

A areia por baixo dos meus pés chorava e o eco gritante nascido dentro da minha cabeça estilhaçava o mundo.

Ergui-me e afastei o lençol e os cobertores.

A respiração saía-me aos arrancos, o suor ensopava-me o meio das costas e colava-se à camisola do pijama. No meu corpo, um buraco do tamanho dos abismos pulsava devagarinho.

Com o tempo, as memórias tornaram-se numa fantasia mesclada, por isso era fácil fingir que tudo continuava igual.

Um fio de luz trespassava a cortina corrida para o lado e iluminava o quarto. Puxei os joelhos para o peito, envolvi as pernas entre os braços e pousei a bochecha em cima do osso do joelho.

Bastava fechar os olhos e a voz dele preenchia os meus ouvidos como o sussurro de uma borboleta. Bastava eu abrir as mãos e o cheiro dele afugentava o meu sofrimento.

Por entre os lábios secos, um pequeno suspiro escapou-me da boca.

Fechei os olhos; por cima dos meus ombros o passado era uma margem sem retorno.



CAPÍTULO 2

Afastei-me da mesa e recuei dois passos. O bolo floresta negra estava perfeito.

Satisfeita, passei a mão pela testa húmida.

Mais um dia quente e abafado. Os últimos dias de setembro vieram acompanhados de uma massa de ar quente do Norte de África, permitindo que o verão se esticasse como uma hipérbole.

Peguei na chávena de chá de menta e revii a lista do que ainda tinha para fazer. Um bolo de limão com recheio de doce de mirtilos, uma tarte de marmelo, um bolo de chocolate branco.

O Fábio irrompeu pela cozinha com as mãos a abanar.

— As pragas do Egito abateram-se sobre a minha cabeça.

Pousei a chávena de chá na bancada e fitei-o. Ele andava de um lado para o outro com uma mão sobre o peito e outra na cintura; as calças largas que usava eram roxas e a camisola verde.

— O que foi que aconteceu? — perguntei calmamente.

Ele estancou e girou o rosto na minha direção.

— Não notas nada de diferente em mim?

Olhei-o de cima a baixo. Tirando as madeixas brancas no cabelo, não via nada de novo.

— Olha bem, Maria Mendes! — exigiu perante o meu silêncio.

Abanei a cabeça sem compreender; ele bufou, depois deu uns passos na minha direção e inclinou o rosto para a frente.

— São as minhas sobrancelhas. Uma está maior do que a outra.

— Não noto nada — respondi, fitando as sobrancelhas.

— Isso é porque és vesga! — atirou com um revirar de olhos dramático. — E agora, como é que vou aparecer à frente dos clientes? As pessoas não estão preparadas para me verem neste estado. Eu sou perfeito. — Baixou a cabeça e escondeu o rosto entre as mãos.

— Não fiques assim. — Estiquei o braço e afaguei-lhe o ombro.

A excentricidade do Fábio dava-me alento. Fazia-me sentir menos vazia e menos alheada do mundo.

— Daqui a uns dias a sobrancelha volta a crescer.

O Fábio afastou as mãos do rosto e olhou-me com uma expressão carrancuda.

— Daqui a uns dias? E que raio vou fazer até lá? Andar com uma máscara na testa?

Os meus lábios arrebitaram-se nos cantos, e no segundo a seguir o meu corpo retesou-se como uma tesoura.

Eu não podia rir. Eu não podia dar-me ao luxo de ter lampejos de alegria. A alegria desaparece.

Tal como a esperança e os momentos indizíveis.



CAPÍTULO 3

6 de outubro. O dia do meu aniversário. Acordei com o corpo felpudo da *Camila* por cima do meu braço esticado. Virei a cara para o lado e com a ajuda dos dedos afastei os fios de cabelo do canto da boca.

A gata olhou para mim como se eu fosse um quadro a precisar de restauro.

Tomei um duche rápido com a água a esquentar. Sequei o cabelo à pressa sem nunca me olhar ao espelho. Tinha pavor de descobrir que o meu reflexo já não existia.

Apanhei o cabelo. Vesti uma *t-shirt* de manga curta às riscas azuis e brancas, umas calças pretas, e calcei os meus ténis mais velhos e gastos.

Antes de sair do quarto fui até ao fundo da cama. Baixei-me e passei os dedos por entre as orelhas da *Camila*. Ela ronronou desejando-me muitos anos de vida.

Assim que entrei na cozinha, o meu pai agarrou-se a mim antes de eu ter tempo de dizer bom-dia. Fechei os olhos, correspondendo ao seu abraço.

Ele recuou olhando-me com um sorriso caloroso, esticou o braço para a bancada e na mão surgiu um grande ramo de gerberas amarelas, brancas, cor-de-rosa, vermelhas e cor de laranja. O meu arco-íris privado.

Peguei no ramo e esbocei um sorriso agradecido.

— Parabéns a você — cantarolou a minha mãe, segurando um bolo de chocolate com recheio e cobertura de doce de morango.

— Obrigada — respondi com a voz embargada.

Ela esticou a mão e tocou-me numa têmpora.

— Que sejas muito feliz, meu amor.

A felicidade passou por mim como um questionário.

Na mesa havia *croissants* e um prato redondo com um sortido de bolachas feitas pela minha mãe. Fruta cortada como se estivéssemos num hotel de cinco estrelas. Sumo, chá. Baguetes e outros pães. Há quase um ano que não entrava pão cá em casa.

— Uau! — disse quando me sentei.

— A minha menina merece tudo — replicou o meu pai, apertando-me a mão com carinho.

Encolhi-me. O amor à minha volta era um recado vivo de que eu tinha uma vida boa. Eu era amada. A minha família era um porto que estaria sempre de braços abertos para me receber.

O Tobias não tivera isso. A mãe não podia fazer-lhe um bolo de aniversário, ou cantar-lhe os parabéns.

Ele não gostava de fazer anos.

Não me era permitido pensar no Tobias. Às vezes, quando estava muito triste, zangava-me. O Tobias fez-me acreditar em amores honestos e finais felizes. Ele deu-me a sorte e depois tirou-me os propósitos.

Quando a revolta passava, sentia-me mesquinha e egoísta. Eu não tinha o direito de estar zangada com ele. O Tobias nunca me prometeu o infinito. Fui eu que acreditei que o meu amor era suficientemente importante para ele querer ficar comigo.

Servi-me de metade de uma baguete e barrei-a com compota de figo. Comi três bolachas de manteiga que se derretiam na boca e bebi chá de hortelã.

Ouvi as histórias que o meu pai partilhou sobre a nova turma do décimo ano — eram barulhentos, indisciplinados e detestavam matemática; mesmo assim, o brilho de desafio nos seus olhos evidenciava que ele não ia desistir dos alunos facilmente.

Tal como não desistiram de mim. Nestes últimos dois meses os meus pais giraram ao meu redor, como se eu fosse uma pequena estrela que tentava sobressair na imensidão luminosa.

Perguntavam-me constantemente se estava bem. Tentaram convencer-me a tirar uns dias de férias e ir visitar a Sílvia a Londres.

Só de pensar em afastar-me da praia, o meu peito apertava-se num nó cego e eu congelava por dentro.

Depois vinha o Fábio, que me distraía com as suas piadas sem sentido, os arrufos com o Jaime e as intermináveis discussões com a Bernardete.

Com a Sílvia as coisas eram um pouco ambíguas: a minha irmã dava-me na cabeça dizendo que eu tinha de parar de me comportar como uma viúva. Tinha de reagir. Sair de casa, enfrentar a vida e conhecer novos homens.

Cada um deles tentava juntar pedaços de mim. O que eles não sabiam era que não estava partida, eu estava vazia.

Nada havia para restaurar.

Depois do pequeno-almoço vesti o casaco de malha, agarrei no

guarda-chuva e abri a porta da rua. Os meus olhos desceram para o chão, onde em cima do tapete da entrada estava uma rosa amarela.

O meu peito disparou, errático.

Levantei a cabeça e olhei em redor.

Se estivermos a sonhar conseguimos sentir o peito a estalar? Se o nosso peito for uma aranha sem teia conseguimos ouvir os gritos do desamparo?

O guarda-chuva deslizou-me da mão e caiu no chão com um estrondo seco. Afastei o olhar da rua.

A rosa continuava lá.

Engoli em seco; sentia o nervosismo entalado nos cantos da garganta.

Baixando-me, agarrei o caule húmido da flor.

Sem me importar com a chuva, desci as escadas, abri o portão e fui para o meio da estrada. Girei a cabeça de um lado para o outro — a rua estava completamente deserta, e nem o senhor Díaz estava sentando no alpendre, como de costume.

Comecei a descer a rua devagarinho; as grossas gotas de chuva que escorriam por entre as folhas amarelas e vermelhas mandavam-me para casa.

O Tobias não estava ali.

O Tobias abandonou-me.

A esperança saltou-me do peito como um vômito.

Quando voltei a entrar em casa, a minha mãe cantarolava uma música na cozinha. Inspirei e expirei pelo nariz, sentindo a caixa torácica a expandir-se, contrariada.

Subi as escadas e entrei no meu quarto. Deitada no tapete, a *Camila* dormia um sono profundo.

Olhei para a rosa presa entre os meus dedos e ela limitou-se a devolver as perguntas que eu fazia dentro da minha cabeça.

Pousei a flor em cima da cama e abri o roupeiro. Atirei com a almofada que estava por cima para o chão e agarrei no meu tesouro.

No dia a seguir a o Tobias me ter abandonado, era demasiado doloroso olhar para tudo aquilo que ele tinha deixado em mim, por isso peguei numa caixa e guardei os ramos de girassóis secos, os bilhetes, a *t-shirt*, tudo.

Agora eu era a guardiã de um abandono.

Abri a caixa e peguei na rosa seca que ele deixara no meu quarto.

Inspirei o leve aroma — cheirava a paixão e promessas que nunca se realizaram.

Os meus olhos procuraram a outra rosa e os meus ombros abanaram como um terramoto mudo.

Uma lágrima deslizou-me pela bochecha, sentia-me completamente perdida.

Escondi a rosa por cima dos escombros da minha felicidade e guardei a caixa no armário, como se o gesto apagasse a perda.



CAPÍTULO 4

A mão do meu pai descansava no fundo da cintura da minha mãe enquanto os seus braços cobriam-lhe o pescoço como uma manta. Eles dançavam com as faces encostadas e alheados do mundo.

O meu pai sussurrou alguma coisa ao ouvido da minha mãe e ela riu.

— Os teus pais estão bêbedos? — perguntou o Fábio, que estava sentado ao meu lado a comer a terceira fatia do meu bolo de aniversário.

Depois do jantar-surpresa que eles prepararam para mim, viemos para o alpendre das traseiras comer o bolo.

— Não — respondi com um sorriso —, estão apaixonados.

— Meu Deus. — Os olhos do Fábio estreitaram-se numa linha aborrecida. — Os teus pais devem ser daqueles casais irritantes que fazem sexo cinco vezes por semana.

— Fábio! — Virei-me, franzindo o sobrolho numa expressão reprovadora.

— Desculpa, mas eu tenho de saber estas coisas. Eu quero chegar aos 50 anos e continuar a fazer muito sexo.

— E porque é que tens de partilhar isso comigo?

— Porque és a minha melhor amiga — respondeu com um sorriso irónico.

Voltei o olhar para os meus pais. O meu pai fez a minha mãe girar, depois inclinou-a para trás e deu-lhe um beijo sonoro nos lábios.

— Agora estão a fazer-nos inveja.

— Porque é que não vais chamar o Jaime para dançar?

— A tua gata roubou-mo. — Apontou com o garfo para o namorado, que dançava com a *Camila* aninhada nos braços. Era uma visão ternurenta, um homem tão alto e entroncado como o Jaime a abraçar a *Camila* como se ela fosse feita de vidro.

— Até irmos embora não vai ter olhos para mais ninguém. — Abanou

a cabeça, aborrecido. — Ainda bem que não temos animais de estimação, senão eu ia morrer de ciúmes.

— Esta manhã tinha uma rosa à porta de casa — disse baixinho.

O Fábio girou o rosto para mim e deitou-me um olhar surpreendido.

— E quem é que te anda a deixar rosas à porta de casa, Maria Mendes?

— Talvez a Bernardete.

— A Bernardete? — Ele fungou com desdém. — Nunca na vida! No máximo, essa dava-te um gato morto.

Encolhi os ombros. Sentia-me derrotada, cansada, magoada e triste.

— Ele sabe que fazes anos hoje? — perguntou sem mencionar o nome do Tobias.

Ninguém mencionava o nome do Tobias à minha frente, era como se o nome dele fosse a causa para o meu definhar.

— Sabe. — Entrelacei as mãos no colo e esperei que a avalanche acalmasse.

Um coração partido pode consertar-se, mas o que acontece a um coração desaparecido?

— E se foi ele? — perguntou o Fábio com uma expressão pensativa.

— Não muda nada. — O meu peito rachou-se ao meio como uma maçã podre. — Ele abandonou-me.



CAPÍTULO 5

De dezembro chegou com o alerta de mau tempo. O vento varria a areia das praias e despenteava as ondas furiosas do mar. Os surfistas recolheram-se, os turistas desertaram e a vila mergulhou numa solidão cinzenta.

Na casa de chá, as paredes de vidro lutavam contra a chuva persistente, enquanto o cheiro a canela e anis-estrelado perfumava o ar.

Desenformei o bolo *bundt* de laranja e polvilhei as rachaduras em forma de espiral com açúcar em pó; em seguida coloquei-o num prato de pé alto e saí da cozinha.

— É melhor não contarmos nada à Maria.

Estanquei.

A minha mãe estava virada de costas, com uma mão na anca e a outra pousada na borda da bancada, e conversava com o Fábio, que apertava o lábio inferior entre o dedo indicador e o polegar e acenava com um insólito semblante sério.

— Passa-se alguma coisa?

Ao ouvirem a minha voz viraram-se com expressões assustadas, ou seriam culpadas?

— Filha, estás aí. — A minha mãe soltou uma risada trémula. — Nem te ouvi entrar.

— Está tudo bem? — perguntei franzindo a testa.

— O mesmo de sempre. Este rapaz não faz nada de jeito. — Apontou para o Fábio, depois pegou numa bandeja e deitou uma longa olhadela ao prato que eu segurava. — Os teus bolos são um regalo para a vista.

O meu estômago embrulhou-se num nó nervoso. Eles estavam a esconder-me alguma coisa. Fosse o que fosse, não estava interessada em saber. A minha irmã chegava na quinta-feira e eu queria mostrar-me forte.

Queria ser como um carvalho, que sobrevive ao fogo para depois renascer por baixo de uma carapaça de cinzas.

Por volta das cinco da tarde, a chuva parou e a noite, preguiçosa, caiu sobre a vila.

Estava a arrumar a louça no armário quando o Fábio irrompeu pela cozinha.

— Preciso de uma cerveja.

— Por algum motivo em especial? — perguntei, baixando-me para arrumar as tigelas.

— Bom, estamos quase no Natal. Os pedidos da Bernardete ficam ainda mais estranhos no Natal e eu tenho de engolir em seco. Afinal, nesta época do ano é obrigatório fazermos boas ações. — Revirou os olhos com sarcasmo. — E depois vou ter de conviver com a minha família, que na maior parte do ano me ignora. Não tenho paciência para o faz de conta. A minha família não é um presépio moderno.

— Nenhuma família é um presépio, Fábio.

— A tua é, Maria Mendes.

— A minha? — Enruguei a testa. — Espera até a minha irmã saber que o pão foi banido lá em casa.

Ele riu-se.

— O teu pai vai viver em dieta até quando?

— Não sei, só a minha mãe tem a resposta a essa pergunta.

Rimos ao mesmo tempo; depois o Fábio endireitou-se e adotou uma expressão séria.

— Eu tenho de te contar uma coisa. — Fez uma breve pausa. — O problema é que não sei bem como começar.

— Começa pelo início — respondi, com um sorriso nervoso.

— É sobre o Tobias.

O meu peito contraiu-se como se estivesse a ser apertado por mil dedos. O chão fugiu-me dos pés.

Ouvir o nome dele abria uma fissura numa região que eu não estava preparada para inspecionar.

Respirei devagarinho, na tentativa de recuperar o controlo.

— Um amigo do Jaime, que é amigo de um amigo do Tobias, disse-lhe que o Tobias foi embora.

Abanei a cabeça sem compreender. Ultimamente a minha vida não passava de um verbo em suspenso.

— Embora? — perguntei num fio de voz. — Embora da vila?

Os olhos do Fábio encheram-se de compaixão.

— Não, Maria Mendes, embora do país.



CAPÍTULO 6

Por cima da minha cabeça, as nuvens escuras acumulavam-se como algodão. Desci as escadas até à praia, e assim que os meus ténis pisaram a areia comecei a correr. O meu peito fugia de mim. Os meus pulmões gritavam com falta de ar. As minhas pernas eram dois troncos sem raízes.

Parei junto da rebentação.

Por dentro da camisola tinha a pele a arder e os pulmões a palpitar como um segredo insuportável. O meu cabelo esvoaçava com a brisa gelada do mar.

Sentei-me com as pernas cruzadas e fitei a infinitude misteriosa da água.

Desejei saber aonde ir. Talvez o mar fosse uma boa ideia. O mar não tinha barreiras. No mar somos tudo. Vamos a qualquer lado. Vamos até ao fim do mundo.

— Maria!

Rodei o pescoço para o lado. A minha irmã caminhava pelo meio do areal em cima de umas botas castanhas de salto alto. Usava um casaco largo que lhe chegava até aos joelhos, umas calças de ganga justas e uma blusa. O cabelo e a franja mexiam-se sem regras.

— Odeio areia — resmungou quando se sentou ao meu lado.

Ainda não eram 8 h da manhã e a Sílvia já tinha os lábios pintados de vermelho, as pestanas arranjadas com um rímel perfeito e roupas dignas de Paris.

— Não precisavas de ter vindo atrás de mim — respondi, com um sorriso forçado.

Ela tinha chegado há somente dois dias e eu já me sentia a sufocar. A Sílvia avaliava cada gesto que eu fazia, os meus silêncios, a minha vontade de me encolher. Fazia-me sentir culpada por não reagir como é esperado.

Fazia sentir-me culpada por querer estar sozinha. Mas eu precisava da solidão. Na solidão ninguém nos obriga a ser fortes. Na solidão não há fingimentos.

— Saíste de casa a horas indecentes. Eu, como tua irmã mais velha, tenho de averiguar se não andas a fazer nada de ilegal — sorriu, dando-me um leve encontrão no ombro.

Pousei as mãos entrelaçadas no colo e voltei o olhar para o mar. Dois surfistas rebeldes tentavam apanhar a mesma onda.

— Há cinco meses que não vejo o Tobias. — Não olhei para ela. Não estava preparada para ver a censura no seu rosto.

Para a Sílvia, eu queria viver dentro da tristeza. Para ela bastava eu sair, conhecer um homem, quem sabe dois, e tudo se compunha, como se eu fosse feita de arames que se dobram e desdobram com a força do vento.

Não é que a minha irmã menosprezasse a minha essência ou os meus sentimentos, ela só nunca tinha amado um homem, por isso não conhecia a enormidade da dor que é acordar todos os dias com uma fissura irremediável.

Que linguagem teria eu de inventar para explicar ao mundo que a ausência do Tobias me transformou numa sombra de mim mesma?

— É por causa dele que vens aqui todas as manhãs?

Voltei-me para a minha irmã com uma expressão inquiridora. Eu não falei com ninguém sobre as minhas vindas à praia.

— Claro, o linguarudo do Fábio — resmunguei, enrolando os lábios para dentro.

— O Fábio está tão preocupado contigo como eu e os pais.

— Eu estou bem.

— Para de dizer isso, maninha! Tu não estás nada bem. Há meses que andas nessa tristeza que parece nunca mais ter fim.

Encolhi os ombros. Não tinha nada para dizer.

— Maria, o Stein não vai voltar.

A minha irmã não fazia por mal, mas por vezes as palavras dela rasgavam-me.

A vontade de me encolher e não caber em lado nenhum tomou conta de mim. Enrolei os braços em redor do corpo e virei-me para a grandeza da água.

— Eu sei — respondi, exausta.

A Sílvia entrelaçou o braço no meu e pousou a cabeça no meu ombro.

— Maninha, a única maneira de o esqueceres é parares de esperar por ele.

Eu não estava à espera do Tobias. Eu estava à espera do dia em que ia acordar e o cheiro do Tobias não estaria no fundo da minha cama, o seu sorriso não estaria pendurado na minha roupa e o seu mundo não estaria a lapidar o meu.



CAPÍTULO 7

Na semana a seguir ao Natal, as pessoas procuraram os doces com parcimónia, por isso aproveitei o tempo extra para experimentar algumas receitas novas.

Peguei numa tigela para preparar um recheio de framboesa e creme azedo, enquanto o bolo esponjoso cozia no forno.

O som da porta a fechar-se fez-me dar meia-volta.

Senti a respiração prender-se nos cantos da minha boca, a vara de arames escorregou-me dos dedos e bateu no chão com um estrondo surdo.

Ele levantou as mãos, inclinando a cabeça para o lado.

— Calma. Não é minha intenção assustar-te.

Pestanejei.

Era mesmo ele.

— Não estou assustada — respondi, com a voz tremida.

O Raul baixou as mãos cobertas de tatuagens e enfiou-as no bolso das

calças de ganga. Levantou o olhar e esboçou um sorriso, que embrulhou o meu estômago num misto de repulsa e terror.

Pensei que nunca mais iria ver o Raul. O homem que matou a mulher a sangue-frio com vinte e uma facadas.

O homem que maltratou o filho.

Eu jamais esqueceria a expressão de triunfo no rosto do Raul, depois de ter provocado o Tobias no aniversário da Helena.

Eu nunca senti ódio por ninguém, mas a emoção negra que se apoderou de mim só podia ser descrita como ódio. Ódio puro, feito de uma nascente inesgotável.

— O que é que quer daqui? — perguntei, tensa.

— Quero falar contigo.

— Não tenho nada para falar consigo.

O Raul deu um passo em frente.

Recuei, colocando-me atrás da mesa. O meu cérebro começou a girar apressadamente. A minha mãe e o Fábio estavam a chegar, se ele tentasse alguma coisa eu gritava. O medo não ia tolher-me. Eu ia dar luta.

— Onde está o Tobias? — Um sorriso desprezível estendeu-se-lhe pelos olhos castanhos.

As diferenças entre eles eram abismais. Os olhos do Tobias eram calorosos, vivos e intensos. Os do Raul não passavam de duas circunferências onde a maldade imperava.

O meu peito apertou-se, apavorado. O que é que ele queria do Tobias?

— Não sei — respondi, com uma falsa indiferença.

— Vá lá, Maria — ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado.

Esse gesto tão característico do filho aumentou o meu medo. O que é que o Raul ainda desejava tirar ao Tobias?

— Não vais mentir-me, pois não? — perguntou, com um tom brincalhão.

— Eu não estou a mentir. Não sei onde o Tobias está, mas mesmo que soubesse não lhe dizia — assegurei, sentindo uma pétala de coragem esgaravatar a minha pele.

— Qual foi o motivo para não me dizer que era o pai do Tobias? — perguntei, fitando os seus olhos maldosos.

— Quis divertir-me um bocadinho. — A simplicidade da sua resposta apavorou-me. — Na prisão não há grandes diversões e depois de se estar preso durante quase dezasseis anos vamos perdendo algumas das características que nos tornam humanos. — Os lábios do Raul esticaram-se num sorriso sem emoção.

Uma das coisas que mais me assustavam no Raul era a normalidade da sua postura e do seu rosto.

Achamos que o mal é feito de uma moldura feia e desagradável, que vai haver sempre um aviso, um sexto sentido ou uma superstição que vai mostrar o mal antes de ele ferir, mas não é assim. O mal coabita com a normalidade, por isso é tão aterrador, porque pode vir de onde menos se espera, até de alguém a quem confiamos a nossa vida.

— Eu não sei o que me divertiu mais, se a tua cara surpreendida quando percebeste que eu era pai do Tobias ou se o olhar aterrorizado do meu filho, ao compreender o quão próximo eu estava da namoradinha.

— Eu nunca fui namorada do Tobias.

— Claro que não — respondeu, com um sorriso sarcástico.

— Vá-se embora! — A minha voz fraquejou e eu culpei-me por isso.

— Só depois de me dizeres onde está o meu filho.

— O que é que você ainda quer do Tobias? — perguntei, enfurecida. — Porque é que não o deixa em paz? Não chega todo o mal que lhe fez? — A fúria deu lugar às lágrimas. Pestanejei, afastando-as para longe. Eu tinha de ser forte.

— Você roubou-lhe a inocência. Matou a mãe dele.

— Foi isso que o meu filho te disse? — O Raul abanou a cabeça, desagradado. — Eu amava a Eliza, amava-a mais do que tudo na vida. Quem a matou não fui eu, foi o Tobias.

Fitei-o, boquiaberta. O grau de loucura do Raul era muito mais denso e perigoso do que eu pensava.

— A Eliza gostava mais do Tobias do que de mim. — O seu rosto contorceu-se numa expressão zangada. — Tudo girava à volta do filho. Eu, que a venerava, passei a ser invisível!

Mas que mente tortuosa era aquela? Ter ciúmes do próprio filho?

Recuei até a minha anca embater na bancada atrás de mim.

— A Eliza ia deixar-me por causa daquele pirralho mimado. Eu jamais ia permitir que isso acontecesse — proferiu com frieza. — A Eliza é minha e vai ser sempre minha.

Um arrepio atravessou-me a coluna. O Raul falava das pessoas como se fossem objetos que se põem e dispõem numa feira de vaidades.

— Vá-se embora.

Ele esboçou um sorriso atroz.

— O Tobias sempre foi um empecilho na minha vida. Eu devia ter-me desfeito dele quando ele ainda era bebé. — A crueldade das palavras

contrastava com o divertimento no olhar. — Mas ele era tão frágil e tão descartável que acabei por perder a vontade.

As minhas entranhas revolveram-se com o tamanho da sua maldade.

— O tempo que passei na prisão ajudou-me a refletir e a compreender muita coisa. — Encolheu os ombros como se estivesse numa esplanada a confraternizar. — Eu não matei o Tobias, porque, tal como a Eliza, ele é meu, é meu filho. Ele é igual a mim.

— O Tobias não é igual a si. — Tinha a boca seca e o meu peito batia tão depressa que mais parecia que as costelas me iam sair do corpo. — O Tobias é generoso e altruísta. Ele é um homem bom!

— Tu ama-lo. — A gargalhada do Raul gelou-me os ossos. — Não é que isto vai ser muito mais interessante do que eu pensava?

A ameaça implícita fez-me agir. Estiquei o braço para trás e agarrei na primeira coisa que os meus dedos encontraram. Era uma faca pequena com a ponta afiada.

— Saia daqui — disse, apontando-lhe a faca.

Do outro lado da mesa, os lábios do Raul arreganharam-se num sorriso jocoso.

— Cuidado, Maria, as facas podem magoar.

— Saia daqui! — A faca mexia-se na minha mão como um bailarino descoordenado. — Agora!

O rosto do Raul adquiriu uma expressão sombria.

— Quando estiveres com o Tobias diz-lhe que eu nunca vou desistir dele. Ele é meu filho e um dia vou provar-lhe que somos iguais.

O Raul deu meia-volta e foi embora.

Sozinha, as minhas pernas cederam. Deslizei para o chão e, com repulsa, atirei a faca para longe.

O medo percorreu-me o corpo como um choque elétrico. Levantei as pernas até tocarem no peito e enrolei-me num cobertor invisível.

— Ora aqui estou eu lindo e pronto... — O Fábio estancou na entrada da cozinha.

Estava sentada no chão, com os braços em redor das pernas e a bochecha apoiada no joelho. Não sabia ao certo quanto tempo tinha passado, só sabia que o medo gélido ainda arrebunhava a minha garganta.

— Maria? — Ele largou o saco que trazia ao ombro, contornou a esquina da mesa e ajoelhou-se à minha frente.

Levantei a cabeça; as lágrimas rolavam-me pela cara abaixo.

— O Raul esteve aqui — disse, num fio de voz.

— O quê?! — Os olhos do Fábio arregalaram-se. Girou a cabeça de um lado para o outro, abarcando toda a cozinha.

As ameaças nem sempre têm um corpo presente, pensei. O Raul tinha ido embora, mas as palavras dele continuavam a pairar no ar como um graveto radioativo.

O Fábio estendeu a mão e pousou-a no meu braço. A pele dele era quente, a minha era gelo.

— Ele magoou-te?

— Não. — Abanei a cabeça de um lado para o outro.

— Vou chamar a tua mãe.

— Não! — Desesperada, agarrei-o pelo braço e enrolei o punho na sua camisola. — Por favor, não me deixes sozinha.



CAPÍTULO 8

A minha mãe ouviu o meu relato com um sangue-frio impressionante. Com uma voz calma perguntou várias vezes se o Raul me tinha magoado. Depois perguntou-me se eu queria ir à polícia.

— Dizer o quê? — A minha voz parecia vinda de um funil.

O Raul não me tinha magoado fisicamente, apenas me aterrorizara ao mostrar-me um bocadinho da sua mente retorcida.

Meia hora depois, a minha mãe insistiu que eu fosse para casa com a Sílvia.

Ao almoço, a minha irmã implorou-me para que comesse um bocadinho da massa com legumes salteados.

— OK, sei que não tenho grande jeito para cozinhar, mas podes ao menos comer um bocadinho? — resmungou ao ver-me remexer a comida com o garfo.

Depois de quatro garfadas fui para o meu quarto.

Vesti uma camisola larga, calças de fato de treino, apertei o cabelo numa trança mal-amanhada e meti-me debaixo dos cobertores.

Quando abri os olhos era noite e a chuva ribombava contra a janela do meu quarto como um vinil arranhado.

Ergui-me e recostei-me na almofada.

Ao fundo da cama, a *Camila* observava-me com os seus olhos sábios. Sempre que eu estava triste, destroçada e com vontade de me encolher, a *Camila* não saía de perto de mim, lembrando-me que a minha vida era maior do que o meu sofrimento.

Estiquei os braços e ela saltou para mim. Dei-lhe muitos beijinhos no cocuruto. Ela ronronou, encostando o focinho à minha camisola. Ao fim de alguns minutos de mimo e festinhas, a *Camila* fugiu do meu colo e foi para o chão enroscar-se no tapete.

Levantei-me. Sentia a cabeça pesada e o corpo tenso.

Saí do meu quarto, desci as escadas e estanquei no meio do corredor ao ouvir a voz do meu pai.

— Explica-me, como é que isto foi acontecer, Vitória? — gritou furioso.

A perturbação do meu pai deixou-me em estado de choque. Nunca na vida o ouvi levantar a voz daquela maneira.

— A Maria disse que ele só conversou com ela.

— Conversou? — perguntou profundamente zangado. — Que raio é que esse homem tem para conversar com a nossa filha? Ele é desequilibrado, Vitória. Assassinou a mulher, andou à porrada com o filho, achas que tem alguma espécie de consciência?

Baixei os olhos para os meus pés descalços e tentei chutar o medo.

— Eu também estou preocupada, Mateus. — A voz suave da minha mãe não escondia a raiva que sentia. — Amanhã vou mudar as fechaduras da casa de chá e a partir de agora a Maria não vai sair sozinha.

— Então, tu queres transformar a nossa filha numa prisioneira?

— Tens uma ideia melhor?

Ouvi o som de uma cadeira a arrastar-se pelo chão da cozinha, seguido de um silêncio abafado.

— Devíamos ter chamado a polícia — disse o meu pai num tom de voz cansado.

— E que temos nós em concreto contra o Raul? Ele entrou na casa de chá e falou com a nossa filha? Isso não é nada.

— Ele invadiu propriedade privada.

— A porta não estava fechada, Mateus.

— Não entendo o que raio pretende esse homem da Maria.

Aproximei-me da soleira da porta. A minha mãe estava encostada à bancada. O meu pai estava em frente dela com os braços cruzados. O ambiente no interior da cozinha era como um forno velho que queima as bordas da comida.

— A culpa de tudo o que está a acontecer à Maria é do Tobias — disse o meu pai com raiva.

Enrolei os dedos uns nos outros e parei de respirar durante uns segundos. Afastei-me para trás e coleí as costas à parede. Fechei os olhos; sentia um travo amargo no céu da boca.

A culpa não é do Tobias, apeteceu-me gritar.

O Tobias não tem culpa de ser filho do Raul.

Ele não tem culpa de ter nascido na família em que nasceu.

Ele não tem culpa de eu o amar e ele não sentir nada por mim.

Há verdades que não se escolhem.

— Esse rapaz é um covarde. Aquilo que fez à Maria só prova que é tão mau carácter quanto o pai!

Os meus olhos encheram-se de lágrimas; engoli-as, trincando o interior da bochecha e o sabor metálico do sangue misturou-se com a saliva.

— Fala baixo — pediu a minha mãe —, queres que a Maria te ouça?

— Eu disse alguma mentira?

— Mateus, neste momento a nossa filha não precisa de censura.

— Esse rapaz andou durante meses à volta da nossa filha e depois abandonou-a como se ela não tivesse valor nenhum.

O meu peito apertou-se. Era dilacerante ouvir todas as pessoas que me amavam pensarem que o Tobias apenas me usou porque eu era um alvo fácil, porque as minhas fragilidades eram vistas pelo mundo como um laboratório de fraqueza.

Dei meia-volta, subi as escadas e bati à porta do quarto da Sílvia. Entreabri a porta e espreitei lá para dentro; ela estava recostada na cama a ler um livro. Levantou os olhos e sorriu-me.

— Posso ficar aqui esta noite? — perguntei baixinho.

A Sílvia largou o livro em cima do pequeno banco redondo que servia de mesa de cabeceira e afastou a manta num convite silencioso.

Aconcheguei-me contra o seu corpo magro.

Sem fazer perguntas, ela abraçou-me como quando eu era criança e tinha a certeza de que havia uma bruxa má com dentes afiados debaixo da minha cama.

Fechei os olhos e deslizei para um sono esbaforido.

No dia seguinte entrei na cozinha com o casaco de malha numa mão e o saco de pano na outra.

Lá fora, a manhã enrolava-se numa cama de cetim acinzentado.

— Dormiste bem? — perguntou o meu pai, sem levantar os olhos do jornal que lia no *tablet*.

— Sim. — Pousei as coisas em cima da bancada, abri o armário e peguei numa caneca.

— Notícias interessantes? — questionei ao sentar-me ao seu lado.

— Os dias mudam, mas as notícias nem por isso. — O meu pai afastou os olhos das letras e enrugou os lábios numa careta.

Sorri-lhe.

— Não comes nada? — perguntou a minha mãe, sentando-se do outro lado da mesa.

— Não tenho fome.

Passara a noite às voltas, entre um sono vigilante e um despertar assustado.

De madrugada, depois de ter revisto mais uma vez a minha conversa com o Raul, cheguei à conclusão de que não me ia deixar dominar pelo medo. Ia seguir em frente.

Agora à luz do dia, os meus gestos eram comedidos.

O meu pensamento andava às voltas com a ideia de ligar ao Tobias. Ele tinha o direito de saber que o Raul andava atrás dele; no entanto, uma parte de mim alertava-me para o facto de eu querer ligar-lhe por outros motivos.

Tinha tantas saudades do Tobias...

Fechava os olhos e sentia a sua voz iluminar-me e os seus dedos tracejarem a minha pele.

Passaram cinco meses. Eu continuo em suspenso.

A minha mãe estendeu-me uma banana.

— Para quando tiveres fome — disse, lançando-me um olhar avaliador.

— Obrigada. — Peguei na banana e levantei-me. Deixei a caneca com o chá meio bebido na pia da louça, guardei a banana dentro do saco e peguei no casaco.

— Maria?

Voltei-me. A minha mãe fitava-me com uma expressão séria.

— Porque é que não ficas uns dias em casa?

— Eu não estou doente para ficar em casa — respondi suavemente.

A última coisa que queria era magoar os meus pais. Eles amavam-me e estavam verdadeiramente preocupados comigo, mas neste assunto não ia ceder.

— Filha, não podes desvalorizar o que aconteceu ontem — disse o meu pai.

— Eu não estou a desvalorizar nada, pai. Só não quero viver com medo.

— Não é medo, é precaução — respondeu a minha mãe.

— O Raul não vai voltar a aparecer.

— Como é que podes ter tanta certeza?

Eu não tinha certezas nenhuma. Eu era uma gaveta amontoada de dúvidas e mais dúvidas.

Para disfarçar o mal-estar, preendi uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Eu não tenho qualquer importância para o Raul.

— E mesmo assim ele veio atrás de ti — disparou o meu pai com rispidez.

— Ele não veio atrás de mim. Só foi à casa de chá para perguntar pelo Tobias.

— Mesmo longe de ti, esse rapaz só te traz dissabores!

As lágrimas entupiram-me os olhos.

O Tobias não estava apenas longe de mim. Ele cortou-me da vida dele como se eu nunca tivesse existido.

Cada vez que eu olhava para trás duvidava sempre da veracidade palpável das minhas memórias. Todos podemos inventar o mundo a que queremos pertencer.

Talvez o universo que eu criei com o Tobias não passasse de uma mentira piedosa.

Engoli a dor que me esmagava o céu da boca.

Eu não podia ficar longe da casa de chá. Eu já tinha perdido tanto... Fazer bolos era o fio que me mantinha sã.

— Por favor, tentem compreender. — Juntei as mãos à altura do peito, como se invocasse uma oração. — Se eu ficar em casa vai ser pior. Eu preciso do meu trabalho. Preciso da normalidade.

A minha mãe desviou os olhos de mim e trocou um longo olhar com o meu pai.

— Tudo bem — acabou por dizer o meu pai.

Inspirei longamente.

— Mas, a partir de agora, não vais para a casa de chá sozinha. — O verde arregalado do olhar da minha mãe calou o início do meu protesto. — Não me interessa que te desagrade. Tu podes ser adulta, mas o Raul é um homem muito perigoso e nós não sabemos ao certo o que ele pretende de ti, por isso nos próximos tempos não vais andar sozinha.



CAPÍTULO 9

Entrei na casa de chá num passo arrastado e a sentir que estava a ser castigada por um crime que desconhecia.

O Fábio saiu de trás do balcão com as mãos abertas e um sorriso de orelha a orelha. Usava um casaco branco com grandes botões dourados; o enchumaço nos ombros dava à sua figura franzina um ar de marioneta.

— Onde foi que arranjaste essa coisa? — perguntou a minha mãe, olhando-o de cima a baixo.

Ele alisou uma ruga invisível da bainha do casaco e endireitou as costas.

— A coisa chama-se casaco e comprei-o numa loja em segunda mão.

— Logo vi — respondeu, enquanto pousava os sacos das compras em cima da bancada.

— Diz lá que não estou mais charmoso do que o Richard Gere no *Oficial e Cavaleiro* — indagou piscando-me o olho.

— Estás.

— Maria, eu não te ensinei a mentir — resmungou a minha mãe.

— Vitória, a atração que sente por mim está a ficar cada vez mais descontrolada. — O Fábio levantou as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Vê lá como falas comigo, rapazinho. — Ela lançou-lhe um olhar depreciativo. — Nem penses que vais trabalhar com essa coisa feia vestida!

— O meu casaco não é feio, é *vintage*.

Puxei a cadeira e sentei-me.

Passei a ponta dos dedos pelas violetas que decoravam a mesa e desejei que a minha mente acalmasse. Precisava desesperadamente de silêncio; se mergulhasse num silêncio profundo talvez descobrisse alguma paz.

— A tua mãe é tão invejosa — resmungou o Fábio depois de a minha mãe ir para a cozinha.

— E intransigente — disse eu num tom ausente.

— Para tudo! Para tudo! — Ele pôs-se à minha frente com as palmas das mãos viradas para cima. — A Maria Mendes acabou de tecer um comentário negativo sobre uma pessoa. — Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto. — Obrigado, Jesus Cristo, Alá, Jeová, Brama e outros deuses de que agora não lembro o nome. Obrigado por me deixarem assistir a este momento histórico.

Os meus lábios abriram-se num sorriso torto.

— Não precisas de ser sarcástico.

— Desculpa. — O Fábio puxou uma cadeira e sentou-se. — Neste momento sinto-me como um astronauta que descobriu que afinal os extraterrestres são mesmo verdes.

Pousei a bochecha na mão.

— Os meus pais decidiram que durante os próximos tempos não posso ir sozinha a lado nenhum.

— Sinceramente, eu até os compreendo — respondeu, coçando o queixo.

— Compreendes? — perguntei, desiludida. De todas as pessoas, eu pensava que o Fábio ia ser o meu maior aliado contra esta ideia absurda.

— Eles só querem proteger-te.

— Eu não preciso de proteção. Sou uma mulher adulta, os meus pais não podem estar sempre a defender-me e depois... fui eu que apontei uma faca ao Raul — disse baixinho, como se o ato que cometera me olhasse com perplexidade.

— Tu apontaste-lhe uma faca porque tiveste um motivo muito forte para o fazer. O Raul é doido varrido!

Os meus olhos percorreram o salão. A chuva miudinha embaciava as janelas. Fitei a mesa onde o Raul costumava sentar-se. Um arrepio gelado percorreu a minha coluna. Durante todo aquele tempo ele sempre soubera da minha ligação ao Tobias; todas as vezes que ele mencionou o filho foi apenas uma forma de me levar a ter pena dele e com isso magoar o Tobias mesmo sem intenção.

Recostei-me para trás e pousei as mãos no colo. Eu era tão tola e ingénua, merecia toda a dor que sentia.

— Tu achas mesmo que o Raul não sabe que o Tobias já não está na vila? — O Fábio fitou-me com uma expressão séria. — Ele só veio aqui para te assustar.

— Eu não tenho medo do Raul.

Era uma meia-verdade, claro que eu tinha medo do Raul.

Ouvi-lo confessar que desejou assassinar o próprio filho foi como se me tivessem rasgado em tiras. Mas também não podia deixar que ele visse esse medo, porque o Raul era um predador que reconhecia o sangue mesmo antes de a ferida ser aberta.

— Numa das conversas que tivemos, o Raul contou-me que passou os últimos anos a viajar pelo mundo. — O Fábio pousou os cotovelos em cima da mesa e juntou as mãos. — Falou-me dos lugares onde esteve, das pessoas que conheceu. Caramba, até falou das comidas que experimentou. Só de

pensar nisso fico todo arrepiado. Ele é um mentiroso compulsivo. Imagina o que é ser filho de uma pessoa assim.

É ter de viver com uma cicatriz que não pode ser partilhada.

Desde a primeira vez que vi o Tobias no areal da praia pressenti a verdade: o Tobias vivia na mais profunda e inóspita solidão.

Baixei os olhos para o colo. Com o dedo indicador tracei pequenos círculos invisíveis nas calças de ganga.

Ao longo destes últimos meses revivi cada conversa que tive com o Raul, tudo o que ele me disse teve um único propósito, ganhar a minha confiança, ter a minha compaixão. Eu fui um meio para ele atingir o Tobias e o pior é que conseguiu. A agonia que vi no rosto do Tobias quando lhe contei que conhecia o pai dele era a prova de que o Raul ganhara.

A minha cabeça latejava, massajei as têmporas com as pontas dos dedos. Mesmo que fechasse os olhos não ia conseguir alterar o passado.



CAPÍTULO 10

Janeiro combinava com o meu estado de espírito melancólico. Há três dias que não parava de chover. As poças de água marcavam os solos. As árvores despidas balançavam contra o vento.

Eu olhava para o mundo e pensava que tudo ficaria bem se as cores fossem sempre prata e branco.

Como não fazia tenções de sair de casa, vesti calças largas e uma camisola castanha. Calcei umas meias grossas e passei a manhã de domingo sentada aos pés da minha cama a dar mimos à *Camila*.

Por volta do meio-dia desci até à cozinha. A minha mãe andava de volta do fogão a preparar o almoço. Cheirava a tomate e manjerição, o que me fez pensar no verão. O que me fez pensar no Tobias.

À hora do almoço a chuva parou. As gotas que pingavam das bordas do telhado eram como *confettis* numa festa animada.

— Posso saber por que raio é que não há pão nesta casa? — perguntou a Sílvia quando se sentou ao meu lado.

— O teu pai está de dieta — respondeu a minha mãe ao pousar a travessa fumegante no centro da mesa.

— O que é isso? — A Sílvia fez uma careta ao olhar para a comida.
— Beringela recheada com tomate e cuscuz — respondeu a minha mãe.
— Nem penses que eu vou comer essa porcaria!
— Se não queres comer a minha comida não comas, Sílvia. Mas ficas a saber que esta casa não é um hotel. Se tens razão de queixa, faz a tua comida!

A minha irmã fez uma carranca, o que na sua linguagem significava que não ia desistir de arrelhar a nossa mãe.

— Pai, tu gostas de beringela?

Ele levantou os olhos do prato; primeiro olhou para a Sílvia e depois fitou a minha mãe como se tivesse caído no meio de um fogo cruzado.

— Não desgosto — respondeu num tom de voz cauteloso.

— Quem és tu? — A Sílvia sacudiu as mãos no ar, exasperada. — A Vitória Mendes fez-te uma lavagem ao cérebro!

— Não me chames isso — gritou a minha mãe.

— Porquê, não é o teu nome? — devolveu num tom de voz suavemente irritante.

O rosto da minha mãe ficou vermelho.

— Sílvia, vê lá se tens tento na língua, eu sou tua mãe!

— Tu estás a transformar a nossa casa numa mini-Coreia do Norte. Peço desculpa se não vou prestar-te vassalagem.

A resposta da minha mãe foi interrompida pelo som do telemóvel. Zangada, levantou-se e foi buscá-lo.

— Já tinha saudades destes almoços de domingo — disse o meu pai, enquanto metia uma garfada de comida na boca.

Baixei os olhos para o prato e sorri. Cada família tem a sua dinâmica e o seu código de conduta. A minha família era histriónica, barulhenta e unida.

— Cíntia?

Parei de mastigar e levantei a cabeça como se o nome tivesse disparado um alarme dentro da minha cabeça.

— Mas está tudo bem?

Do outro lado, a voz da Cíntia chegava do fundo do mar.

— Certo. — A minha mãe levou a mão aos lábios acenando vigorosamente para cima e para baixo. — Vou já para aí.

Um segundo depois desligou e virou-se para nós.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou a Sílvia, arrancando dos meus lábios as palavras que não consegui proferir.

— A Helena — respondeu, olhando diretamente para mim — teve um acidente.

O chão debaixo dos meus pés abriu-se. Senti a cabeça a andar à roda e o corpo transformar-se num muro de pedra.

Entreabri os lábios. Os sons e o raciocínio foram-me arrancados pela magnitude do inesperado.

— Foi grave? — perguntou o meu pai.

— A Cíntia não sabe — a minha mãe coçou a testa como se estivesse a assimilar o choque —, mas tiveram de a levar para o hospital.

— Vou buscar o casaco. — Ele arrastou a cadeira para trás e levantou-se.

Na minha cabeça, um balão de ar quente gritava as palavras *acidente* e *hospital*. A bÍlis subiu-me à garganta. Com cuidado, pousei os talheres na borda do prato e ergui o olhar.

— Eu vou convosco — disse num fio de voz.

— Nem pensar — respondeu a minha mãe.

— Porquê? — O pânico entupia-me a garganta.

— Maria, nós não somos da família. O mais provável é não nos deixarem entrar e nem sequer nos darem qualquer informação.

Ela tinha razão, mas se eu ficasse quieta sufocava.

— Assim que tivermos alguma notícia avisamos-te — prometeu antes de sair da cozinha.

Fechei os olhos e vi o rosto da Helena, os olhos azuis profundos. A gargalhada alegre. O Tobias a abraçá-la. Eles a rirem e a trocarem confidências ternurentas.

A Helena não podia morrer, não era justo.

O céu voltou a abater-se sobre a terra, mas nem a chuva torrencial chegava para abafar os pensamentos negros e catastrofistas que giravam na minha cabeça.

A SÍlvia estendeu-me o prato acabado de lavar. Quando o segurei ele escorregou-me da mão e caiu no chão, partindo-se em mil pedaços.

— Raios!

— Calma, não partiste a salva de prata do rei — respondeu a minha irmã com um sorriso carinhoso.

O peso das lágrimas entupiu-me a visão.

— A Helena não pode morrer, SÍlvia. Se ela morrer, o Tobias fica sozinho.

O que ficou por dizer foi que ele perdeu a infância, a mãe, o avô. O Tobias perdeu o chão da sua biografia.

— Maninha. — A minha irmã pegou na minha mão e apertou-a com gentileza. — A Helena está a ser cuidada, ela vai ficar bem. Vamos esperar e pensar positivo, pode ser?

Varri os cacos e depois fui para a sala. Sentei-me no sofá, ao lado da Sílvia.

O tempo alongava-se como uma pastilha elástica.

Enquanto a minha irmã se entretinha a ver vídeos nas redes sociais, eu fitava o ecrã da televisão. Não conseguia concentrar-me. Os meus olhos fugiam constantemente para o telemóvel e para o tempo que não passava.

Porque é que a minha mãe não dava notícias?

Meia hora depois, a porta da rua abriu-se. Saltei do sofá e corri para a entrada. O meu coração arfava, angustiado.

— Como é que está a Helena? — perguntei à minha mãe.

— Dentro das circunstâncias está bem. Tem uma fratura no pulso direito e algumas escoriações no rosto e no pescoço — respondeu-me enquanto desapertava o casaco.

A gratidão abateu-se sobre mim. Encostei-me à parede com as pernas trémulas e a respiração acelerada.

— Pelo que percebi foi um acidente aparatoso, o carro capotou e quase caiu por uma ravina.

— Deixaram-te vê-la?

— Não. A Helena teve de fazer alguns exames para terem a certeza de que não havia nenhuma lesão interna. Quando a levaram para o quarto já estava a dormir, mas a médica disse que amanhã podemos visitá-la.

De repente, *amanhã* pareceu-me um advérbio oco.

A Sílvia parou na soleira da porta da sala.

— Boas notícias pedem comemorações — disse, erguendo as mãos. — Vou encomendar pizzas para o jantar.

— O teu pai não pode comer piza — replicou a minha mãe.

— Eu peço uma piza vegetariana para o pai. — Ela virou-nos as costas e foi para a cozinha.

A minha mãe revirou os olhos.

— Aonde raio é que aquela rapariga foi buscar a teimosia?

O peso da genética veio-me à cabeça. O peso que o Tobias carregava no coração.

O que ele não sabia era que não é apenas a genética que compõe os alicerces de uma pessoa, também somos feitos de linhas côncavas e círculos aleatórios que se cruzam como rios.

A minha mãe deu meia-volta e fixou os olhos verdes no meu rosto.

— Eu não quis que fosses connosco ao hospital para que não encontrasses o Tobias.

Surpreendida, entrelacei as mãos na frente do corpo.

Não me passou pela cabeça que se tivesse ido ao hospital iria ver o Tobias. Vê-lo mesmo. Em carne e osso.

O meu peito deu uma cambalhota desajeitada. O que aconteceria se nos voltássemos a ver? Olharíamos um para o outro como dois desconhecidos que um dia pisaram as mesmas memórias?

— Não há problema — respondi suavemente.

— Ele não estava lá.

— Como assim? — Enruguei a testa, surpreendida.

O Tobias jamais abandonaria a avó, fosse por que motivo fosse. A Helena era tudo para ele.

— A Cíntia disse-me que ele está no Afeganistão, numa missão dos Médicos sem Fronteiras.

Então foi para o Afeganistão que o Tobias fugiu. O meu peito apertou-se num grilhão.

— Ele sabe do acidente? — perguntei, fingindo que não me doía nada.

— A Cíntia avisou-o. Ele está a tentar vir o mais depressa possível, mas pelo que percebi não está a ser fácil. Aquilo lá continua muito instável.

Tentei localizar no meu mapa mental o país de onde nunca chegavam boas notícias. Ficava tão longe...



CAPÍTULO 11

No dia seguinte, o sol escorria por entre as frinchas do céu e marcava o mundo como um ourives.

Quando entrei na cozinha, o meu pai estava encostado à bancada a beber uma chávena de café. Usava um casaco de *tweed* azul-marinho e calças bege.

— Bom-dia — disse com um sorriso.

— Bom-dia. — Ele agarrou a pasta de couro, aproximou-se de mim e deu-me um beijo na testa.

— Até logo — despediu-se antes de sair pela porta das traseiras.

Sentei-me e tentei engolir os cereais. Sentia o corpo em alvoroço, não faltava muito para eu voltar a ver a avó do Tobias.

Quando chegámos ao hospital, a Cíntia já estava à nossa espera. O vestido de cores garridas colava-se-lhe à anca larga, os olhos cor de azeitona, grandes e rasgados, contrastavam com o cor de laranja do casaco até aos pés.

Enquanto subíamos o elevador até ao quarto da Helena, a Cíntia confidenciou que ela tinha acordado rabugenta.

— Primeiro queixou-se da comida, depois exigiu que lhe tirassem o gesso do pulso. Disse à médica que se não podia trabalhar com metade do cérebro também não ia trabalhar só com uma mão. A médica bem tentou explicar-lhe que eram apenas algumas semanas, mas claro que a Helena fez ouvidos moucos.

Eu mantinha-me quieta e silenciosa. Estava muito nervosa e não reconhecia o motivo. Talvez fosse por estar num hospital. Talvez fosse porque dormira mal. Ou talvez fosse o facto de voltar a ver a Helena ao fim de tanto tempo. Durante estes meses ela nunca mais foi à casa de chá. Uma grande parte de mim dizia-me que eu nunca fui importante e que ela me esquecera.

O quarto ficava no final de um corredor vulgar. A Cíntia entreabriu a porta e espetou a cabeça para dentro.

— Trouxe visitas — disse num tom de voz alegre ao entrar no quarto.

A minha mãe foi atrás dela. Eu fiquei na retaguarda. Os últimos fogem mais depressa.

O quarto era pequeno. O ar cheirava a desinfetante e impaciência. As paredes eram brancas. Havia um sofá castanho ao canto e uma cadeira ao lado de uma cama típica de hospital, decorada com lençóis brancos.

A Helena tinha a cabeça apoiada na almofada. O braço estava ligado a uma máquina que fazia uns movimentos estranhos. Tinha o pulso direito engegado, vários arranhões no rosto e na testa um hematoma roxo crescia em forma de moeda.

Ao ver a minha mãe, os seus olhos adquiriram um brilho renovado.

— Vitória.

— Olá, Helena, como é que se sente? — perguntou a minha mãe afagando-lhe a mão.

— Sinto-me ótima, querida. Até já me sinto pronta para outra — respondeu, desfazendo-se numa pequena gargalhada.

— Não diga isso nem a brincar — replicou a Cíntia, benzendo-se.

— Deixaste o sentido de humor lá fora, querida? — A Helena piscou-lhe o olho.

— Você não faz ideia do susto que me pregou, por isso não se ponha com essas brincadeiras que não têm graça nenhuma.

— Ainda não é desta que te vais ver livre de mim, querida.

— Diga-me uma coisa: porque é que foi contratar um motorista, se depois vai para todo o lado sozinha?

— Eu estou velha, não estou senil — respondeu com uma expressão

insolente. — Posso muito bem conduzir. E para mais eu apanhei um lençol de água e o carro não se segurou. A culpa não foi da minha condução, foi do mau tempo.

— Pois, vá dizer isso ao seu neto.

De repente o ar dentro do quarto ficou pesado como uma lata de sopa estragada.

Desviei os olhos para o chão; eu não tinha o direito de estar ali. O Tobias abandonou-me, eu tinha de o abandonar também, mas onde é que eu ia encontrar forças para matar o que de mais bonito polvilhou o solo do meu coração?

— Em relação a isso, eu ainda não te perdoei, Cíntia. Não tinhas nada que ter contado ao Tobias que eu tive um acidente. Foste preocupá-lo sem razão, eu já me sinto ótima.

— Pode barafustar à vontade que eu não me importo. Eu apenas fiz o que tinha de fazer.

A Helena girou o rosto e viu-me meio escondida atrás da minha mãe.

— Maria!

Aproximei-me da cama com um sorriso acanhado.

— Minha querida — ela pegou na minha mão.

Olhámos uma para a outra longamente.

Para lá da nossa ligação, partilhávamos o amor pela mesma pessoa.

Havia tanta coisa que eu lhe queria perguntar. Li no azul dos seus olhos o quanto ela queria contar-me tudo, mas simplesmente não podia.

A lealdade da Helena era com o Tobias e eu fui apenas uma estreita passagem na vida do neto.

Os olhos da Helena turvaram-se-lhe de lágrimas. A sua mão quente e enrugada apertou a minha como se pedisse desculpa.

Sem dizer nada, debrucei-me sobre a cama e abracei-a.



CAPÍTULO 12

A Sílvia conduzia com as duas mãos presas ao volante. Os olhos deslocavam-se de um lado para o outro. Como nunca tinha vindo para estes lados e só havia uma faixa de rodagem em cada lado da estrada, guiava mais devagar do que habitualmente.

O carro vermelho que seguia à nossa frente abrandou numa curva apertada, obrigando-a a travar a fundo. Ela arreganhou os dentes e soltou um palavrão.

— Detesto esta estrada.

— A vista é bonita.

— Não compensa o stresse — resmungou entre dentes.

A estrada robustamente esculpida na encosta da montanha levava-nos à casa da Helena.

Seis meses depois eu estava de regresso à casa do Tobias e não era uma piada ou sequer uma coincidência. Eram as lombadas do destino a sobreporem-se umas nas outras como figuras geométricas.

Prendi o olhar no mar que se abria como um girassol.

A temperatura rondava 25 graus. Abri o vidro e o ar salgado entrou-me nas narinas como um bálsamo.

Quantas horas temos de preencher para conseguir suportar viver sem o amor da nossa vida?

— Maria!

Virei o rosto; a minha irmã olhava para mim com o sobrolho carregado.

— Ouviste alguma coisa do que eu disse? — perguntou, voltando a concentrar-se na estrada.

— Claro que sim — respondi apressadamente.

— Por que raio é que a mãe teve de acompanhar a Helena até casa?

— Elas são amigas.

A Helena teve alta ao início desta tarde e a minha mãe estava lá com ela, como se pertencesse à família.

Ontem praticamente não consegui falar com a Helena, limitei-me a sorrir e a ficar na sombra da conversa que ela e a minha mãe mantiveram. No final da visita, ela apertou a minha mão com carinho, olhou-me nos olhos e agradeceu-me.

— Eu devia estar a aproveitar as minhas férias. — A voz da minha irmã trouxe-me para o agora. — A esta hora podia estar num *rooftop*, a seduzir um homem interessante que me pagasse uma bebida e no fim me desse uma queca divinal. — Soltou a mão do volante e passou os dedos pela franja direita. — Em vez disso, estou a fazer de ama-seca da minha mãe!

— Eu pensei que estavas contente por finalmente poderes conhecer a tua escritora preferida.

— Eu ficava contente se a minha escritora preferida fosse a avozinha do capuchinho vermelho e não a avó do lobo mau.

Baixei os olhos, e o meu peito apertou-se numa tristeza paralisante. A Sílvia não conhecia o Tobias, ela apenas conhecia a dor que ele deixou em mim.

À nossa frente, a casa da Helena era como uma escultura pousada no meio da natureza.

A Sílvia soltou um assobio espantado. Eu fitei a fachada demoradamente.

A presença do Tobias escorria pelas paredes de vidro e saía de dentro da terra como as artérias de um coração.

Desviei os olhos, o peso da saudade esmagava-me os ossos.

— Eu fico aqui — respondi, esfregando as palmas das mãos nas calças de ganga.

A minha irmã tirou o cinto de segurança e rodou a cabeça.

— Nem penses. Eu não vou enfrentar a avozinha escritora sozinha.

— A Helena é maravilhosa, tenho a certeza de que vais adorá-la.

A Sílvia enrugou os lábios num trejeito.

— Posso ao menos saber porque é que não queres entrar?

— Esta casa tem demasiadas lembranças.

— Oh, estou a ver — ela fez um sorriso enviesado —, e algumas dessas lembranças envolvem duas pessoas nuas.

— Sílvia, por favor.

— Maninha, não precisas de corar. Toda a gente faz sexo, ou pelo menos deveria fazer. Sabias que o sexo reforça o sistema imunitário?

Senti as bochechas pintarem-se de carmim. Não era o sexo. Era maior do que isso, era a intimidade, era a sintonia que me envolvia no Tobias, era o infinito que fazia a minha vida ganhar a velocidade das andorinhas.

O sofá cinzento onde a Helena e a minha mãe estavam sentadas tinha a forma de um cotovelo dobrado. Na mesinha de centro havia uma bandeja prateada com um bule de chá elegante, duas chávenas e um prato redondo com biscoitos. Ao lado, dois livros grandes com capas pretas e uma jarra redonda compunham a decoração.

Eu sentei-me ao lado da minha mãe, a Sílvia sentou-se do outro lado do sofá, junto da Helena.

— A Vitória falou-me muito de ti, querida — disse a Helena.

— Aposto que enfatizou o meu mau feitio.

— Se falou eu já não me recordo. — A gargalhada da Helena aqueceu-me o coração. Ela estava viva e bem de saúde.

— Gostas de viver em Londres, querida?

Com um à-vontade característico de quem sabe de onde vem e para onde vai, a minha irmã estendeu a mão, pegou num biscoito e meteu-o na boca.

— Gosto — respondeu enquanto mastigava. — Chove muito e eu gosto de chuva.

— O meu marido também gostava dos dias chuvosos. Eu nunca percebi o atrativo. A chuva é tão desagradável.

A Sílvia meteu o resto do biscoito na boca e depois virou-se para a Helena.

— Há coisas bem mais desagradáveis, como por exemplo confiarmos em quem não merece.

O ar dentro da sala estagnou. Durante um longo momento, apenas as paredes da sala respiraram.

Por favor, Sílvia, não digas mais nada, implorei dentro da minha mente.

— Diga-me uma coisa, Helena, como é que se sentiria se a usassem e depois a deitassem fora? — perguntou a minha irmã com um olhar cortante.

A minha mãe foi a primeira a reagir. Levantou-se do sofá e abanou a cabeça como se tentasse enxotar as palavras da Sílvia.

— Bom, nós vamos andando. A Helena precisa de descansar.

Levantei-me devagar.

— O que não me vai faltar nos próximos tempos é descanso — respondeu a Helena com um sorriso apagado.

A minha mãe despediu-se dela com um abraço, a Sílvia com um aceno curto. Quando eu me aproximei, ela pegou na minha mão e olhou-me nos olhos.

— Maria, posso pedir-te um favor?

Anuí lentamente.

— Seria possível dormires cá esta noite? A Cíntia não pode ficar e eu não me sinto confortável ao estar sozinha.

O meu primeiro instinto foi dizer que não. Eu não podia ficar naquela casa cheia de recordações e onde até o cheiro doía. Mas quando olhei para o seu rosto, e vi a nódoa negra na testa, todas as minhas contradições se evaporaram.

— Claro, eu fico consigo — respondi, sentindo os olhos da minha irmã queimarem-me as costas.

A Helena apertou a minha mão.

— Agradeço-te muito, querida.

A minha mãe ficou para trás a despedir-se da Cíntia.

Eu descí os degraus da entrada e corri atrás do passo estugado da Sílvia. Os braços dela moviam-se como espanta-espíritos.

Aproximei-me e puxei-a pelo cotovelo. Ela virou-se, e as suas faces estavam marcadas pela fúria.

— O que foi aquilo? — perguntei suavemente.

— O quê? Querias que viesse tomar chá com a avozinha e me esquecesse que o neto dela é um cabrão?

Abanei a cabeça com tristeza.

— Ao contrário de ti, eu não tenho sangue de barata.

— Estás a ser injusta, Sílvia.

— Estou? — Ela enrugou o nariz. — Se calhar tu é que és demasiado branda. Vais mesmo passar cá a noite?

— O que querias que fizesse? — perguntei, magoada.

— Que gritasses! Que deitasses cá para fora a tua dor. Eu queria que por uma vez na vida pensasses em ti e só em ti!

As palavras embateram no meu rosto como bofetadas.

A mentira veste-se de doçura, mas a verdade não passa de uma amargura descalça.

A minha irmã pensava que eu era um brinquete que só servia para divertir as pessoas por breves momentos. Primeiro o Sebastian, que sempre me criticou, e agora o Tobias, que me abandonou mesmo depois de tudo o que vivemos.

A vergonha de saber que a minha irmã me via daquela forma trespassou-me.

— A Helena teve um acidente — respondi, tentando justificar-me. Tentando mostrar à minha irmã, aos meus pais, ao mundo que me julgava impiedosamente, que eu não era uma tola boneca de trapos. Eu tomava decisões, eu pensava em mim.

A Sílvia levantou a cabeça e deitou-me um longo olhar pesaroso.

— Vais sofrer outra vez.

— O Tobias chega ao final do dia, eu vou-me embora de manhã. Eu não o vou ver Sílvia.

— Como se isso alterasse alguma coisa.

Ela deu meia-volta e foi embora para o carro.

Eu fiquei parada no mesmo sítio. Com o peso da desilusão a prender-me como uma corrente apodrecida.